

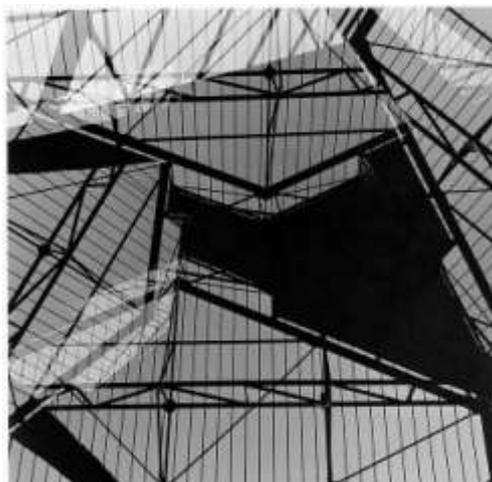
## **Por outros caminhos, abril/ maio 2013**

### **A relação entre a imagem, o meio e o corpo**

Este programa propõe um passeio diferente pela cidade e alguns de seus lugares. O itinerário varia conforme as pulsações do corpo urbano e inclui galerias de arte e suas exposições temporárias, museus, ateliês de artistas plásticos e/ou estilistas de moda, cafés, bares e outros possíveis locais para um “bom encontro”.

A partir da segunda metade do século XX, a arte contemporânea, aparentemente fechada em um campo específico, fascina e provoca como jamais. Ela atua exercendo infinitas manipulações transgressivas que não respeita mais nada, nem os contingentes das categorias estéticas, nem os protocolos hierárquicos da chamada Cultura.

A arte contemporânea está em todo lugar, mas aqui no Brasil, a fotografia nem havia sido apresentada como uma linguagem artística na Semana de Arte Moderna de 1922. Foi só na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que fotógrafos europeus introduziram novas técnicas para construir imagens fotográficas. O paulista Geraldo de Barros (1923-1998) destaca-se por sua produção singular.



Geraldo de Barros

Abstrato, Estação da Luz São Paulo, SP (série Fotoforma), 1949  
Fotografia (superposição de imagens no fotograma)

Estas experiências incluem fotomontagens, colagens e intervenções diretas no negativo. E, não só o fazer artístico apresenta-se inovador, mas o que “dar a ver”. Como na imagem de Geraldo de Barros, o que ele trabalha são as formas, a composição, a construção que formam desenhos abstrato-geométricos.

Por isso, nosso passeio começa no Instituto Tomie Ohtake para ver obras como a de Geraldo de Barros e tantas outras, que estabelecem um diálogo com trabalhos fotográficos contemporâneos, o que nos ajuda a entender como o passado vive nas imagens contemporâneas.

Ainda na mesma exposição, vamos ver duas obras de **Vicente José de Oliveira Muniz, (SP, 1961)**, mais conhecido como **Vik Muniz**. Ele é brasileiro radicado em Nova York, mas frequentou a FAAP no curso de Publicidade e Propaganda. Ele parte da fotografia e faz experimentos com novas mídias e materiais.



Fotografia da série "Sugar children" 1996 de Vik Muniz

A partir de 1988, começou a desenvolver trabalhos que faziam uso da percepção e representação de imagens a partir de materiais como o açúcar, chocolate, catchup e outros como o gel para cabelo e lixo. Naquele mesmo ano, Vik Muniz criou desenhos de fotos que memorizou através da revista americana Life.

Por sorte, ainda vamos poder ver outros trabalhos de Vik em outra galeria, na Nara Roesler. Nesta mostra, cujo material são pedaços rasgados de revistas ele parte de uma imagem, em geral famosa, e a recria de outra forma. Por exemplo, na galeria vemos num de seus trabalhos a reprodução desta imagem abaixo, tela do famoso pintor realista francês Courbet.



Courbet, A Origem do Mundo, 1866, óleo s/tela, 46cm x 55cm, Museu d'Orsay, Paris

E a arte contemporânea propõe outros caminhos de percepção sensorial que gostaria de apresentar a vocês. Pela primeira vez em mostra individual e em duas galerias de São Paulo, a obra do artista dinamarquês **Olafur Eliasson** (n.1967). Ele passou a infância entre a Islândia e a Dinamarca, é formado na Academia Real de Belas Artes, em Copenhague, e começou a apresentar suas esculturas e instalações em meados da década de 1990.

Com suas palavras: “Estou interessado na nossa capacidade de refletir conscientemente sobre algo abstrato ou complexo ao considerar algo que não é bem assimilável, temos que confiar na direção para a qual a nossa intuição nos leva, temos que estar abertos para ser atingidos pelo mundo. Este processo é bem cognitivo: ao imaginar o que você vê, você constitui a realidade. Ao fazer isso você a toma para si como uma espécie de conhecimento emocional. Você lhe dá seu sentimento sentido. Sua perspectiva, *Your orbit perspective*”.



Olafur Elisasson, *WeatherProject*, 2003, Londres

A obra da imagem acima consistia num enorme sol feito com lâmpadas, espelhos e fumaça, que atraiu mais de 2 milhões de visitantes ao Turbine Hall da Tate Modern, em Londres. Professor na Universidade de Artes de Berlim, Olafur coordena o Instituto de Experimentos Espaciais, desde 2008. Ele mantém na cidade seu estúdio, laboratório onde 30 arquitetos, engenheiros e artesãos trabalham para criar conceitos, testar e construir instalações, esculturas e projetos em larga escala. Suas obras espalham-se pelo mundo e **Inhotim** (Minas Gerais) possui três de suas obras em seu acervo.



Olafur Eliasson, *By Means of a Sudden Intuitive Realization*, 1996.

Iglu de fibra de vidro, água, iluminação estroboscópica, bomba d'água e plástico, 300 x 510 cm, foto Eduardo Eckenfels.

Em 2003, representou a Dinamarca na 50ª Bienal de Veneza. Eliasson é hoje um dos artistas com maior visibilidade internacional. Suas instalações em grande escala promovem uma recriação artificial de fenômenos naturais, reexaminando nossa percepção sobre a luz, o tempo, a gravidade, o movimento e o som, com uso recorrente de elementos como vapor, água, fogo, vento ou o sol.

Este é o roteiro de ideias e a ordem do passeio pode ser trocada. No percurso, há sempre as surpresas, como o trânsito ou outros imprevistos, mas seja lá como for, há sempre um tempo para o café ou um sorvete, um tempo para conversar, um tempo para compartilhar.

### **Saídas em ABRIL, o passeio de duração de quatro horas**

#### **Dia 24 de abril, quarta-feira**

- **saída** às 13h30

- **chegada** às 17h30

#### **Dia 25 de abril, quinta-feira**

- **saída** às 13h30 e chegada por volta das 17h30

**Elisabeth Leone Gandini Romero** é mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, curadora de Artes Visuais, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da USP e em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy, pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura da PUC-SP, professora convidada nos cursos de pós-graduação na Universidade Anhembi-Morumbi e SENAC. Sócia da empresa Lis Produções.